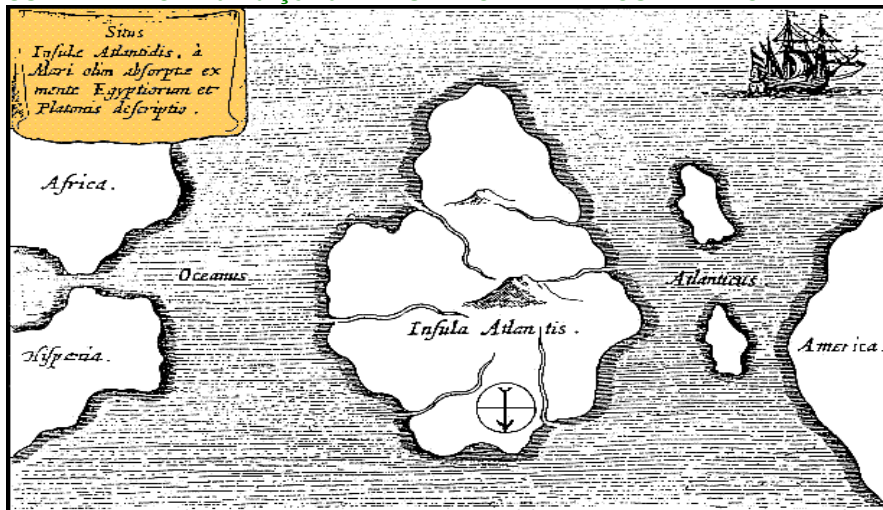


CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS

SUPLEMENTO # 10 março 2011 EDUARDO BETTENCOURT PINTO I



Todas as edições em www.lusofonias.net

Editor **AICL - Colóquios da Lusofonia** (Chrys Chrystello EDITOU ESTE NÚMERO)

Coordenadoras **Helena Chrystello / M^a do Rosário Girão dos Santos**

CONVENÇÃO: O Acordo Ortográfico 1990 rege os Colóquios da Lusofonia e é usado em todos os textos escritos após 1911 (data do 1º Acordo Ortográfico)



© TM®



Editado por
COLÓQUIOS DA LUSOFONIA
(AICL, ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL COLÓQUIOS DA LUSOFONIA)
Em linha ISSN 2183-9239 CD-ROM ISSN 2183-9115



Nota introdutória do Editor dos cadernos, Chrys Chrystello

Os suplementos aos Cadernos Açorianos servem para transcrever textos em homenagem a autores publicados pelos Colóquios da Lusofonia, pelos seus participantes ou até por outros autores.

Neste caso, servimo-nos das opiniões constantes da página do Eduardo Bettencourt Pinto em <http://www.eduardobpinto.com/>



EduardoBettencourtPinto

1. *Infância.* [Urbano Tavares Rodrigues]

Entra em nós, insidiosamente, a atmosfera morna e húmida de África, que no planalto do Ebo, sul de Angola, é mais leve e aprazível. O sujeito enunciador deste belo livro,

Tango nos Pátios do Sul, tenta recriar esse mundo árido, de infinitos horizontes, onde transcorreu a sua infância afetuosa, entre o sorriso encantado da mãe, o espanto dos grandes animais de olhos meigos, a perfeição da casa, os pretos amigos (como esse a que chamavam capitão), temerosos da brutalidade dos cipaios, mas alegres e confiados na lentidão do dia-a-dia.

Não seria porventura exatamente assim a realidade real, era o que o seu deslumbramento de viver aprendia, o que no hoje melancólico sobrevive desse tempo mágico. É numa escrita de delicada perfeição que Eduardo Bettencourt Pinto nos conta, em movimento de dança, o que foram esses anos, agora que ele, de raiz açoriana, já tornou ao arquipélago das brumas, passou a viver no Canadá, em Vancouver, e de vez em quando visita as cidades da Europa, os seus areópagos culturais.

Tango nos Pátios do Sul é um objeto literário desconcertante, que mistura prosa e poesia, inclui uma carta da mãe de Eduardo, de extrema singeleza, e através das quais puras e sóbrias imagens, comunica-nos, sugere-nos um espaço de rareza, onde as coisas familiares, os milagres anódinos escorrem da escrita, o ontem brilha no agora, a morrinha vai caindo sobre a linha do escurecer, sobre as árvores de susto, já com o luar a arder nos pulsos. A voz torna-se o barco errante do coração. João de Melo, no seu prefácio, explica-nos esse passado definitivo de que o autor fala, idade da crença e da ilusão, e a relação entre o viver e o escrever. Estamos perante um escritor em plena maturidade.

Eduardo Bettencourt Pinto publicou desde 1978 três livros de ficção, uma antologia da poesia açoriana contemporânea e nove volumes de poemas, alguns premiados, como *Mão Tardia* e *A Deusa da Chuva*, e, entre outros, *Emersos vestígios*, *Menina da água* e *Um dia qualquer em junho*. Dos pátios do Sul dá-nos a ver a placidez de Carminda, toda ao revés da moral estabelecida, triste e cintilante como um papagaio, deixando-se amar como a chuva; e Teresa, que tinha na barriga a dor da terra estéril, moendo milho, escanchando as pernas, e o diamante negro da sua pele exalando tangerina molhada. Mulheres descalças, arbustos secos, ramos de sofrimento: África amada. O vesgo Albino atravessa o canto das rolas escondidas nas mangueiras, no olhar breve das mulheres. São personagens da miséria, da vida descalça, da roupa cerzida, da palma sobre a esteira rutilante. As pedras soluçam.

Escreve Eduardo Bettencourt Pinto pela mão do enunciador, vendo-se ao espelho: Amavas a secreta inutilidade do silêncio,/ o sol, esse cavalo/ solto em delirante galope/ entre as palmeiras./Levantavas as persianas,/um ardor branco tateava e ardia,/tão leve e fascinado/ era o olhar. /Os mamoeiros cheios no quintal, / tua mãe cobrindo o ar/ com uma leve brisa/ de silêncio,/macio de fascinação. /Cintilante, a inviolável clemência dos deuses/ contemplava-te à distância,/frémito solar/que fluía ardente,/ tão frágil e estrangeiro/ era ainda o tempo.

Tango nos Pátios do Sul não é o resultado de um talento em estado selvagem. Tem por detrás a poesia de Yeats e a herança cultural da literatura portuguesa, com alguma incidência nos outros açorianos contemporâneos, de que Eduardo Bettencourt Pinto é leitor e divulgador, mas há neste livro uma pureza inicial, uma conseguida procura de raízes, entra a vida real e a vida poética, que aqui se confundem. Há um halo romântico, quase esotérico, a iluminar o concreto das coisas, magnificando as sem pompa oratória. Um livro de amor a memórias reconstruídas de sublimação do quase inexistente, como uma muito viva e sóbria gama de referências metafóricas.

Eduardo Bettencourt Pinto *Tango nos Pátios do Sul*
Campo das Letras, 85 páginas in *Jornal de Letras*, 13 de junho de 2001

2. *O poeta, a vida presa às palavras? [Eugénio Lisboa]

Dizia Virginia Woolf que é sempre indiscreto mencionar os nossos afetos. Pode ser indiscreto mas é, se calhar, inevitável. Como é bom descobrir uma poesia, um poeta, um texto pelos quais se sente admiração (genuína) e, ao mesmo tempo, afeto (irresistível)! A poesia (e nela incluo os belos poemas em prosa que são parte dela) de Eduardo Bettencourt Pinto, este livro, em particular — *Um dia qualquer em junho* — é um motivo singular de admiração e afeto. Admira-se e gosta-se, isto é, sentimo-nos bem a admirar e admiramos aquilo de que gostamos. Convergências assim são mais raras do que se pensa.

Poeta senhor do seu ofício, Eduardo Bettencourt Pinto sabe muito bem — como Mallarmé e muitos outros antes dele, como todos os verdadeiros poetas — que a poesia se faz com palavras, diz ele, que “são a chuva nos olhos / do poeta,/ a primeira sombra / da haste fascinada.” Só com elas, por elas, deslocando-as, provocando-as, tentando-as, conseguirá convir-se “todo o fulgor solitário das chuvas.” Quando nos surpreende — nos *apanha* — com um “assombro de inquietude”, dá-nos um sentido de revelação pelo exercício certo de um glossário sábio e de uso reinventado. Não são palavras esdrúxulas, “entre o arcaico e o difuso”, a que ironicamente aludia Reinaldo Ferreira, são antes palavras simples, de todos os dias, mas que, contudo, como dizia Claudel, já não são as palavras de todos os dias. Ser poeta é reinventar a fresca duas vezes: no modo como se vê o mundo e no modo como se entrega àquilo que se vê como se fosse a primeira vez.

Outra característica que nos impressiona nesta lírica de Eduardo Bettencourt Pinto é o modo de pudor como esconde o eu do poema num tu ou num ele mais velados e menos indiscretos. Dizia Pasternak que o poeta “encara o mundo na primeira pessoa.

” Cheio de um nobre pudor, o autor de *Um dia qualquer em junho* transfere a primeira pessoa (profundamente implicada) para uma discreta segunda (tu) ou mesmo remota terceira (ele):

Vens

dum universo de areias.

Entre os labirintos

duma noite solar

cumpres o dia,

sentado na harmonia.

Diz coisas importantes e mesmo fundamentais que o eu não rejeitaria assumir, mas delega-as, com modéstia, num anónimo terceiro:

Escrevia poesia

olhando as mãos sujas

de terra.

Sabe que a poesia — a criação — quando profunda, quando vital, quando se *atreve*, assume sempre a nobreza de um risco, mas faz a oferta dos galões desse risco a um terceiro, por detrás do qual se apaga:

No fundo

sabes que um homem só é feliz

no odor do poema rente ao abismo .

Sabendo que escreve para durar, oferece essa eternidade a um oblíquo tu:
Deixaste o poema escrito contra o efémero.

No poema “ Silêncio de junho ”, ciente do ultraje que todo o dizer inflige ao silêncio do universo, o poeta, angustiadamente, pergunta:

*Como se veste o silêncio?
De que frutos?*

A resposta pode ser assim: veste-se de frutos como os que acolhe este livro. De frutos de uma visão genuína e nova que um discurso inventivo, alado e eficaz nos transmite. De frutos que nos surpreendem e fazem de nós, leitores, argonautas também das viagens de descoberta do poeta: do poeta que sabe dar-nos das “sagradas varandas do entardecer ” ou nos deixa “susten(sos) de inadiáveis / deslumbramentos.”

* Prefácio do livro *Um dia qualquer em junho*

POEIRAS de POESIA [AIDA BAPTISTA]

De regresso a Portugal, em 1975, no período que se seguiu à Guerra Civil em Angola, carregando nas costas o epíteto nada abonatório na época de “retornada”, a minha família espalhou-se por vários espaços do retângulo continental, fruto de acasos que não cabem no âmbito desta crónica. Os meus pais, ainda com sete filhos menores, outra opção não tiveram senão voltar à aldeia de partida. Foi chegar num dia e meterem-nos num comboio, no outro, que famílias numerosas não cabem em pequenos apartamentos de Lisboa. E lá se instalaram na serra beirã, quase a roçar as fronteiras transmontanas. O telefone constituía ainda um luxo a que nem todos tinham acesso.

Quem conheceu o Portugal de então, recorda perfeitamente o símbolo do cavaleiro por cima das tabernas, anunciando um posto dos CTT com telefone público. Em tempos de solidariedades vividas e partilhadas, mesmo quando a aldeia tinha uma configuração longitudinal, havia sempre um gaiato que a calcorreava, para ir chamar uma qualquer ti Maria ou ti Manel, mesmo que morasse na ponta do cabeço, à coca de um centavo que pudesse cair pelo favor prestado. Afastados que estávamos dos meus pais, pedimos-lhes que instalassem telefone em casa, portadores que éramos já de hábitos ainda não generalizados por aquelas bandas. Acederam ao nosso pedido, mas nunca mais esqueci as palavras da minha mãe:

- Filha, pôr telefone em casa foi a maior asneira que fizemos!

Entendem a minha estupefação, eu que pensava estar a contribuir para a nossa aproximação, para o encurtar de distâncias, enfim, todas estas coisas que o progresso diz que traz. Mas a resposta de minha mãe, uma mulher simples a quem a vida ilustrou apenas com quatro anos de escolaridade, veio carregada da mais cândida filosofia:

- É que agora, vocês já não escrevem e era tão bom ler as vossas cartas! É agora, eu também já não vos escrevo, vocês sabem as novidades todas por telefone!

Ela, que toda a vida foi doméstica, criou doze filhos, quando lhe disse que ia trabalhar como leitora para a Finlândia, sem nada perceber de geografia, apenas me soube dizer: “Mas isso é tão longe, minha filha!” Será que o nome Finlândia, por si só, lhe sugeria “o fim”, o longínquo, que é tudo quanto está para além do horizonte que o seu quotidiano abarcava? Nunca cheguei a sabê-lo. Morreu antes de eu partir. Não chegou, por isso, a ouvir falar desta nova era de comunicações em que o correio eletrónico recuperou a escrita, atolados que estamos em torrentes de mensagens todos os dias.

Vem tudo a propósito de uma crónica de Onésimo Teotónio de Almeida, lida há algum tempo, em que este refere alguns dos e-mails recebidos como pequenos pedaços de prosa literária. Onésimo reproduz alguns mas a memória não me devolve o nome do autor. Não sou pessoa dada a apostas mas, depois de ter tido o privilégio de conhecer o Eduardo Bettencourt Pinto, arriscaria a afirmar que o Eduardo é seguramente o autor de muitos deles. Como é que cheguei a esta brilhante conclusão? Muito simplesmente depois de ter assistido à sessão de autógrafos que ocorreu após o lançamento dos seus livros na Universidade de Toronto.

Todos nós, quando vamos a estes eventos, fazemos questão de levar não só o livro, mas arrancar ao autor mais um pedaço da sua alma – o autógrafo. E agora, os escritores que me perdoem, isto não é uma crítica. A maioria deles, depois do nome da pessoa, remata com uma daquelas frases feitas, com se fosse um qualquer chefe de gabinete a despachar circulares de uma assentada. Não lhes podemos levar a mal, porque intimidades só se devem ter com quem se conhece. Contudo, não é isso que o Eduardo faz. Sob aquela humildade que o veste como uma segunda pele, ele, pacientemente, elabora textos diferentes como quem tece filigranas de afetos. Uma ex-aluna de português mostrou-me o seu, exclamando em saltos de contentamento: “Look at this! It’s so nice!”. E era, de facto.

Poupei o autor ao sacrifício de autografar os meus naquela altura. As regras mandam-nos dar a primazia aos que vêm de fora. Só lho pedi, depois de jantarmos. Permita-me o autor que publicite um deles: “... **a memória de um momento de água, a vida flutuante que a poesia nos dá...**”. Eduardo, isto não é um autógrafo, é poesia, prosa poética (como queira chamar-lhe), é “**o cantar da cortesia e do coração**”, como escreveu num outro. Junto mais uns que tive a oportunidade de ler:

“... os pássaros de junho e uma sombra do tempo”;
“... com a surpresa e o encanto de a redescobrir nesta cidade, provando que tudo o que acontece na vida viaja em círculo”;
“... com uma acácia e uma hortênsia”;
“... que também ouve o mar na nostalgia dos dias e na cor da alegria sobre o mais breve azul do silêncio”;

“... os Açores. Nestas ilhas aprendi a caminhar dentro das palavras, nestas que aqui deixo e por onde passa já uma gaivota”;

“... este rumor de águas, a infância tão feliz da alegria pelos Açores que tanto amo”;

“... seguindo pássaros nos altos jardins da idade, aqui em Toronto, já no outono da cidade, aos esquilos, a tudo quanto fica e não soçobra, de alegria tanta”.

Eduardo, não se espante, se um dia destes alguém tiver a luminosa ideia de pegar no que anda a espalhar pelos seus livros, e se lembrar de fazer uma recolha dos seus autógrafos e publicá-los. Aperceber-se-á, então, de que andou a espalhar poeiras de poesia por onde passou, sem se dar conta disso. Como disse Bion “a beleza é um proveito para todos” e sê-lo-á tanto mais quanto se tratar da beleza das palavras com que nos presenteou.

3. **A palavra e a distância em E. (de Exílio) Bettencourt Pinto [ONÉSIMO TEOTÓNIO ALMEIDA]**

Gosto de citações. Pela novidade do que dizem ou simplesmente pela roupagem com que vestem uma ideia antiga. E também por achar bem o seu a seu dono. Alguém já disse. Ou fê-lo da forma que eu gostaria de ter feito se a mim ocorresse a inspiração ou socorresse o talento. (E até isto mesmo foi também dito há muitos séculos por Montaigne: “Eu cito os outros para me expressar melhor a mim próprio.”) Eduardo Lourenço pode dar-se ao luxo de escrever sem quase nunca citar ninguém. Mas Lourenços não há mais na cultura portuguesa. E eu não posso deixar de prosseguir citando.

Alturas houve em que foram outros os motivos. Lembro-me de me sentir demasiado jovem, sem credibilidade para certas afirmações, e então citar era a solução. Autorizava-me devidamente, colocando-me sob o guarda-chuva ou paraquedas de maiores. Mais tarde, nos tempos da censura, virou truque. Uma verdade simples dita por mim poderia não passar, mas assinada por um nome que o censor não conhecesse, desde que soasse a sumidade estrangeira, era estratégia tacitamente aceite e pela experiência avalizada.

Desaparecidas essas razões, ficaram as outras, acima das quais a admiração por um naco de prosa com cheiro a fato novo. Farejo e saborio. Agarro-o por vício.

Certo dia, um ex-professor primário português desaguado na diáspora, colaborador assíduo da imprensa comunitária, interpelou-me em desafio: “Tu ‘tás sempre a citar coisas dos outros. Eu cá tiro tudo da minha cabeça!”

Era verdade. E continua a ser. Pelo-me por uma frase lavada, um trocadilho perspicaz, uma resposta-remate em bicicleta, um salto mortal de verve, um estalar de bem-dito, uma pincelada verbal. Por isso as vou catando por todo o lado sempre que as encontro em livros, filmes, poemas, conversas, mas também em autocolantes, paredes públicas ou privadas-públicas. Outras vezes simplesmente em cartas de amigos. Nos últimos tempos, em e-mails. Como se vão perder tantas frases de se guardar só ao simples toque da tecla DELETE, a limpar a caixa abarrotada do correio eletrónico!

Não me recordo, porém, de alguma vez ter feito o que aqui venho despidorada e abusadoramente fazer: encadear citações em série. Provêm do longe. De Vancouver. Das bandas do Pacífico a caminho do Alasca. O Eduardo Bettencourt Pinto é o pai delas. Neto de açorianos (lembra-se de Rebelo de Bettencourt?), tem ossos de Gabela, Angola.

Andou pelas terras dos avós a encher-se de mar quando a liberdade angolana enxotou filhos de outras bandas, e molhou-se então de salgado para nunca mais. A mulher, da ilha, levou-o depois àqueles longes do Canadá onde afoga saudades no feitiço de África e no fascínio do Atlântico. Nem o viver numa ilha de British Columbia - Pitt Meadows - lhe lenitiva a ausência dos Açores.

Sente a distância, o exílio, todos esses ingredientes com que os portugueses cozinharam o mistério da saudade e, querendo matá-la, viaja na escrita para a gaveta ou para o correio. Tem publicado mais do que a distração crítica consegue captar. Poemas não faltam: *Mão Tardia*, *A Deusa da Chuva*, *Emersos Vestígios*, *A Menina de Água*. E prosa: *As Brancas Passagens do Silêncio* e *Sombra duma Rosa*. Faz de editor também. Acreditem. Um editor português em Vancouver! (E depois digam que não há Pai Natal.) Um dos mais notáveis volumes de sua edição chama-se *Os Nove Rumores do Mar* (1997), antologia de poetas açorianos vivos, agora reeditada pelo Instituto Camões na coleção "Insularidades".

Tem o vício das palavras, confessa-me. Por isso escrevo muito para o buraco negro do espaço cibernético. Insisto há anos com ele para se abalançar a um diário. Garante-me que sim, mas receio que o não torne público. Sem ele saber, fui-lhe roubando frases que arqueei com gosto porque só ele sabe tocar na guitarra da distância o tom dolente do exílio. E porque não me esqueci do meu inicial tema, as citações, aqui vai uma antologia de faxes (as mais antigas), e e-mails do poeta que elevou o e-mail à categoria de género literário:

Antes que me esqueça, tenho a alegria de te dizer que já sou pai. Nasceu-nos um rapazinho no dia 26 do mês passado. Chama-se Mauro. Enquanto escrevo ele dorme mais a Rosa, lado a lado. Foi uma luz que nos entrou pela casa dentro, cheia de música e insónia. Do seu nascimento guardo a memória de horas

incendiadas e intermináveis, o palpitar indelével dum sentimento inebriado de sofrimento. A mulher, com a sua graciosidade, magia e misticismo, traz na sua vida a exuberância, a sensibilidade, uma insuspeitada coragem e determinação para enfrentar aqueles densos momentos de vulcânicas dores. A mim só me resta os olhos húmidos, a garganta sem voz frente à grandeza dum acontecimento que num repente transforma o mundo, o instante da eternidade. Aquelas dores ficaram para sempre enraizadas no respeito e delicadeza dum ser que é fabuloso e admirável, que se chama mulher. A vida é a mais lógica e misteriosa equação da alma.

Novembro, 1989

* * *

Disseram-me um dia, não me lembro quem foi, ah, a Rosa! "Este céu não tem estrelas." Nunca tinha reparado. "Em Portugal há tantas estrelas que parecem até cair nos nossos olhos!"

Eu sei, a distância faz apertar o coração, atenua discrepâncias, revolve-lhes o peso e a substância, faz de nós uns inveterados eremitas da sensibilidade. Pensei que a Rosa, ao falar das estrelas de Portugal, falasse da saudade, essa folha de laranjeira caída nos charcos da memória. Mas não. Aludia ela a uma dimensão ulterior, invisível, quase impalpável, que é a transposição da nossa interioridade a um plano real, puro e legítimo, banal e ao mesmo tempo etéreo, como as ervas: a pureza do olhar. Olhar apenas, ver este céu triste comer-nos os olhos, e assim perdidos, no instante da nossa pequenez humana, dialogarmos com as partículas de um todo quase incompreensível, mas total, esvoaçante, perene. Nesse momento revelador senti a ternura que se tem por quem sente e repara, e de súbito se apercebe que a existência é curta, estamos aqui apenas num sopro, para entregar as mãos à totalidade, e absortos nessa grande solidão aprendermos a coexistir com o Universo, que na Rosa, rapariga da ilha e minha menina, tem o sabor a quietude e ao infatigável rumor do mar. Como a carta de um amigo tem o retempero de uma sombra, aqui fica o registo. Pouco mais posso dizer que obrigado, pelo tempo e atenção, e simbolicamente enviar, entre as palavras mais frescas, as intermináveis estrelas de Portugal.
(s. d.)

* * *

Ontem, para desanuviar, fomos a um concerto do Keny G. Excelente músico. Muito bem acompanhado, foi um serão de se tirar o chapéu. O Keny tem um jazz muito bem temperado, melodioso, e deixa transparecer uma grande paixão pela música. Sempre literatura também aborrece.

Estou à espera que as folhas comecem a cair. Então saio de casa, entro pela humidade dos dias, e regresso a casa com pedaços de cores das florestas, sons ainda de ramos, e sento-me, frente ao lume, a esquecer-me de mim.
(7-9-93)

* * *

Ontem caiu um dente ao Mauro. Deixámo-lo sob a cabeceira. Mal acordou foi ver: tinha lá um dólar. Levou-o para a escola, radiante. Quando chegou veio dizer-me, tão satisfeito como se tivesse vindo do mar. É isto, a infância. Os mitos cheios de bonomia, a complacência e a ternura são dos seus corações frescos, sem mácula. Como a música, a verdadeira música das essências.

Escrevo com persistência, como se construísse uma casa. Tijolo a tijolo. Ainda não alcancei as janelas, o que mais gosto. Ou a varanda, onde o sol e as flores crescem entre os passos das mulheres, adoráveis deusas. Mas escrever afinal é isto, um incêndio, instante a instante, que deslumbra e atormenta e nos queima os pulsos. Uma respiração. Para dizer a verdade, é companhia. O meu cão de pelo castanho, igual ao do Hemingway, a ressonar levemente perto dos meus pés. Crescemos juntos no grande vale do Tempo. Às vezes perdemo-nos um do outro: fico numa esquina a olhar as multidões sem rumores, como acima digo. Mas volto sempre aqui, aos eucaliptos, às cercas brancas da serenidade. E cheiro as ervas, até cair de braços na exaustão do silêncio. E da terra.

(Jan. 24, 94)

* * *

Da janela quase vejo setembro. A luz que toca os pinheiros é mansa, antiga, parece marinha: desprende uma claridade aveludada. Desce vagarosa, corre pelas maceiras como um chuvisco, dá um pouco mais de cor aos frutos. Vou para a varanda. Sento-me com um jornal na mão. Vejo os pássaros em bandos numerosos. São pontos negros em passagem pelos olhos do Mauro, que dá um grito alegre e diz: "Olha papá, os pássaros!" Explico-lhe que eles vão para terras quentes, não gostam do frio, e regressam para o ano.

"É porque não têm casacos?" interrompe-me. Ele fica a olhá-los, extasiado. Faz outras perguntas, tantas que fico com a boca seca. Curiosidade infinita. Raiz em crescimento. Mas que pelo menos se expanda por terra firme e seja sempre sequiosa de coisas novas.

(18 de agosto de 1994)

* * *

A visita aos meus amados Açores foi-me duma bonança sentimental interminável. Muito amo, adoro e volto a amar aquela humidade verde das casas com o mar ao fundo. As silhuetas que as habitam, suas mãos de terra, abertas, e de cuja bondade recebo as sementes das raízes. Revigorei o espírito, e tudo me sai em catadupa. Este amor e esta ternura por tudo, que me faz viver dentro das palpitações humanas, nas hastes gélidas do inverno, na neve do silêncio matinal, pois tudo isto é uma alegria calada, de observar um universo escondido, que muitas vezes cabe redondinho aos olhos dum instante sereno.

E assim escrevo. Escrevo. Labuto a pedra com o cinzel mais puro, o das essências da memória. E resgato das sombras as cores dum novo auge criativo. Como se, atordoado, rastejasse no interior dum êxtase. Incendiando a serenidade. Com medo de ser nada.

(5 de janeiro de 1995)

* * *

Tem feito por cá dias africanos: sol forte, cândido, forrado por uma brisa fresca e alta. A casa até parece diferente com tanta, tanta luz. Se tivesse o mar aqui por perto, estaria numa estação muito branca e cheia de ternuras e comprazimentos. Esta é a altura de se fazer as malas e partir para o mar. Pelo menos teoricamente. A realidade é outra, infelizmente. Gostava de estar no Pico neste momento, aí pelas seis da tarde, o peixe a assar na brasa, um copo de vinho tinto, a voz e o júbilo dos amigos e da família. Depois dar um passeio a pé, corresponder à saudação entusiástica de quem passa e nunca nos viu antes, a cor do silêncio rente ao azul do horizonte, um grito de gaivota ao longe, depois as sombras da noite, aos poucos caindo sobre os nossos passos.

(24 de maio de 1995)

* * *

O tempo aqui vai de chuva e muitas sombras. A temperatura, como uma túnica de bruxa, baixou. Não é verão nem inverno. Porta aberta de frigorífico, suponho. Claustrofobia psicológica para quem, como eu, tanto ama a luz. Tenho alma mediterrânea, como sabes, e são de sandálias, calções e casas brancas perto do mar os dias que invento na memória que quero minha.

(18 de junho de 1995)

* * *

Nesta terra tropeçamos já com os trabalhos do outono, quase serenos, não fossem tão melancólicos: a humidade das folhas, mortas sob os passos, duas lágrimas escondidas no silêncio dos olhos quando anoitece. Durante estes meses todos seremos apenas passageiros da chuva, árvores nuas, céu despido de aves, gente que passa morta dentro dos casacos. Já não procuro um país no eco da madrugada, mas uma luz verde, três ou quatro acordes de harpa, uma ilha a que possa regressar para repartir o pão dos naufragos. Escrever, mais que nunca, significa chegar ao outro lado da ausência, descalço sobre as águas, olhando as sebes e as neblinas, o coração tão cheio de rebeldia. Se é de noite, encosto-me aos muros da música e então oiço Wagner e Shumann sob a frondosa sombra da memória.

(28 de setembro de 1995)

Escrever a um amigo é como acender uma vela no silêncio do pulso: a voz parte, livre, iluminada, sem folhas mortas no eco, tocada pela música que se ouve – três nós de sombra rente ao som duma palavra, os passos dum homem na cidade da chuva.

(18 de outubro de 1995)

Os meus amigos são as minhas raízes. Por eles oiço o Tempo minguar no relógio, e vejo através dos espelhos como todos, nas suas vidas distantes e no entanto tão perto, são os músicos de muita da minha alegria e fé nas coisas da literatura. Inequivoca fortuna.

(13 de maio de 1996)

setembro chegou aqui molhado e triste, o casaco roto, os sapatos a rastejar de olvido e renúncia. Costuma ser alto, ainda de rosas ardentes, uma despedida cândida de luz. Mas este tomba como um vulto no degredo, exausto, os joelhos sem a energia dos pinheiros, a cor mediterrânica que apetece, antes do inverno. Voltarás às fotografias que me mostraste, o lindo outono de New England. Nessa alegria triste, creio que os impressionistas – sobretudo Matisse – criaram uma casa de nostalgias, dois poemas, e alguém tocava piano ao fundo da sala. Na transição das estações, cubro-me sempre desses naufragos.

(10 de setembro de 1996)

Chove no fim do vento, num tumulto já de inverno. Na claraboia açoriana ouvia este som antigo, sobre a cabeça, enquanto escrevia numa secretária cuja presença naquela casa tinha o cheiro de muitas gerações. Escrevia e rasgava. No cesto, deixava ainda a resfolegar o resto do que sentia, naufrágios vocabulares, perdas ressonâncias de quem muito tem para aprender neste laborioso afã das palavras. Naquela falsa, amando-a sentia os braços de minha mãe em redor do meu corpo, memória de muitos anos antes, ardido em febre. Ela vinha com mais um cobertor, chã, a voz do ómega e alfa que me era tão essencial. Quando os meus irmãos chegavam, vindos de casa de meus tios na rua de Lisboa, traziam ramos do quintal, folhas, a frescura da água do poço e uma palavra amiga de tia Veneranda presa nas mãos. Anos depois, escrevendo, enquanto pingos de chuva caíam numa pequena malga de plástico sobre a secretária, sentia como o Tempo nunca nos deixa indiferentes a memória. Hoje, recordando, senti que devia partilhar com um amigo esta saudade.

(17 de outubro de 1996)

Sinto já o fervor da partida, uma ansiedade de relógio parado, as palpitações sonoras no peito, ouvindo já nos sentidos o mar açoriano. Pena que seja só uma semana – uma ilha, como uma mulher, ama-se muito devagar. Para aproximar de nós o paraíso.

(7 de abril de 1997)

Nesta monotonia tão grande, a introspeção por vezes toma perfil de deserto e ausento-me das palavras. Mas eu sei que mais algumas no teu ecrã limitam-te mais o tempo, e há que compreender e respeitar o espaço dos amigos.

Por aqui tudo bem. Dia solar hoje, fresco. Dia de mar que me falta. Mas tem sido uma lástima, chuva, negridão. Um lamento longo, penoso. Um adeus breve à luz, depois o retorno à claridade periclitante.

(7 de julho de 1998)

Este vento, que vem de um céu já escuro, maltrata-me as árvores, suja-me o quintal, não nos deixa dormir. Na ilha, levava-me aos cafés, trazia-me para cama dois cobertores mais, o jornal. Lendo, o ruído da casa em baixo, o cheiro das páginas frescas, às vezes parecia-me o melhor lugar do mundo. Não sentia este lago triste que é a ausência do meu pai, e as velas de uma certa realidade onírica ainda me iluminavam por dentro.
(1 de dezembro de 1998)

De uma vez, estabeleceu-se um prolongado silêncio na minha linha transcontinental direta para Vancouver. Escrevi a inquirir. Doença? Problemas? Trabalho?

Explicou-me então que me sabia muito ocupado, não queria estar a maçar-me. E o meu e-mail lá seguiu veloz:

Eduardo:

Tu és o correspondente do meu remorso. O único que se cala por delicadeza. Para não incomodar. Para não ser intruso. Por respeito. Mas que coisa tão antiquada! Na era da Internet, quem se preocupa com esses pruridos? É que assim fico privado da tua presença. Das tuas tiradas poéticas. Da tua voz amiga.

Não é mais uma mensagem no ecrã, a pesar sobre a minha sensação de o tempo não dar para responder a tudo, que me vai matar. Além disso e sobretudo, tu não és apenas mais um correspondente. És o Eduardo amigo, a voz próxima do exílio longínquo de Vancouver, o Corvo da açorianidade planetária. Não me prives, pois, da minha janela sobre os verdes chuvosos de British Columbia, da metáfora sugestiva sobre a tua ausência da ilha na ilha de Pitt Meadows, da reflexão serena sobre a condição humana, da pincelada breve e funda sobre o teu dia a dia de preocupação com os filhos e a coçar cabelos em embranquecimento ascendente. Ou melhor, cadente.

Volta por isso, Amigo!

Releio agora esse e-mail e penso: *Ditto*. Ou em linguagem já informática: *Send again*

4. Um voo entre ilhas: a audácia de conquistar um espaço *[Armandina Maia]*

*Toda a poesia é uma ilha:
assim que a tocamos,
sentimo-nos órfãos das palavras*

Desfio os versos de Eduardo Bettencourt Pinto com meticulosidade, como se desdobrasse uma toalha sobre o altar, cobrindo o espaço da madeira sagrada com a alvura do linho imaculado, onde cada fio fala dos antigos ritos que a teceram.

Afasto-me para olhar a simetria, que deverá ser perfeita: o altar ergue-se acima dos meus olhos como uma tela, debruado por uma moldura de renda que delimita o espaço da obra de arte.

Tenho a sensação que sempre ali estive aquele pano precioso, tratado embora com familiaridade, sobre a mesa, nos lençóis das camas mais humildes, do mesmo modo que tenho a sensação de conhecer a poesia de Eduardo Bettencourt Pinto desde os primeiros passos na minha memória poética.

São muitos os passos do autor, que atravessam o lugar em que se edificam os textos, passos de errâncias, de retorno, de migrações, ou tão-só passos em volta, até alisar a pedra, a pedra antiquíssima, para apaziguar a cicatriz instalada na memória de quem os escreveu.

Vem de longe este homem, de “querer bipartido”, na sua luta pela preservação das origens, onde a infância é mantida como território intacto, sabendo embora que uma parte de si permanece resignada, numa lassidão aparentemente longe da memória vivificadora, como diz em *Tango nos pátios do sul*¹:

Ele quer trazer da infância as primeiras palavras, as que vêm dos rios do sul. Mas em si há um homem deitado numa rede, entre duas palmeiras, e o cão da melancolia a lambe-lhe as mãos. (T.P.S., 13)

Se me perguntassem de onde chegou esta voz, diria que ela tem a sonoridade do sul e a gravidade do solo. Uma voz da terra, que nunca se distancia do mar, esta é uma das fundamentais dualidades que se refletem na sua poesia.

Uma voz de artesão, que mesmo baloiçando na rede em que está deitado, lapida o verso e, com a sabedoria de quem aprendeu a espera, volta ao princípio para o refazer constantemente, de poema em poema, de livro em livro, tentando esgotar as possibilidades de o transformar numa obra perfeita, perante a enorme imperfeição do mundo que se adivinha por detrás das palavras ditas.

*Em Menina da Água*², o texto central desta análise, os gestos que pertencem a esta voz evidenciam ao longo de todo o texto uma grande proximidade com os rituais bíblicos:

*Lavarei os pés nesses degraus, íntimas feridas.
Fatigado pelo nevoeiro de errâncias*

descanso por fim no regresso inicial. (M.A., 20)
Então vinhas. Chegavas-te ao teu irmão,
e nos teus olhos enublados mostravas-lhe um templo
secreto. (M.A., 33)

Se as opções imagéticas se mostram fortemente impregnadas desta lição, são inúmeras as opções semânticas que denunciam a mesma origem: “o doce néctar das maçãs”, “mãos dos anjos”, “altas sementes”, (M.A.,17) “pombas brancas das tuas palavras”(M.A.,8), “colhendo nos cânticos do silêncio a cor do mundo” (M.A., 24), “o milho nascia/ nos cânticos das crianças (M.A., 34), Milho debulhado sob cânticos (M.A., 18) “o lume que fazia o pão da pobreza” (M.A., 25), “o cheiro do pão escasso ardia (M.A., 33), Se tocares o basalto sentirás/ no sangue um bando/ de pombos bravos (M.A., 41).

A fratura do caminho bifurcado está permanentemente presente na obra de Eduardo Bettencourt Pinto, pelo que a ordenação do texto em dois campos semânticos quase contraditórios, aparece como inevitável e natural.

Por um lado, podemos recolher-nos sob o teto deste homem, que nos protege no seu território, onde a memória exerce uma função tutelar, desde o berço ao túmulo «*Há um momento, na nossa vida, em que nascemos na memória*» (M.A., 12). Neste percurso, o momento mais redentor é o da infância «*Nesse espaço, a música era toda a infância*» (M.A.,18)

Venho aqui
em busca dessa infância.
Uma ilha foi sempre
A minha vida (M.A., 52)

Não é pois de surpreender que nos deparemos no texto com uma inteira multidão de vocábulos que nos remetem precisamente para o lugar da infância: «*Falo das origens,/ duma pedra abandonada na infância*” (M.A., 42).

São de valor iniciático todas as palavras que criam este ambiente: na liberdade sugerida pelos grandes espaços abertos - escarpas, ravinas, enseadas, colinas, o vento e o ar povoado de aves, pombos e pombas brancos, gaiotas, melros, borboletas, a terra com os «seus inaudíveis segredos», segredos ciciados, coberta de árvores, flores e frutos – eucaliptos, loendros, choupos, jacintos, hortênsias, rosas, cíclames, margaridas, anémons, maçãs, amoras brancas e selvagens, e ainda aliada aos espaços “nobres” dos terraços e dos pátios, e aos materiais puros – barro, pedra, móveis esparsos, sarja, cal «a velhíssima cal», muros, raiz «branca raiz da claridade», mar, ilha, águas brancas e azuis.

As inúmeras ocorrências registadas neste campo semântico, quase provoca uma sensação de saturação, o que nos obriga a olhá-los nos diferentes contextos transformadores, diferenciadores e até antitéticos: “*velhíssima cal de antigos dias*”(32) - “*crepitar da cal*”-, “*a aridez felina das maçãs*” (23) - “*o doce néctar das maçãs*”, “*música (que) faz crescer*” (30) - “*música subterrânea*” (31), “*anjos de pedra*” - “*anjos de água*”(17), “*muros brancos*”(23) -“*caídos muros*”.

Por outro lado, é inevitável que os imaginemos como peças fundamentais dos ritos consagradores de uma geografia rural, íntima, caseira e, sobretudo de um enorme despojamento e simplicidade, coincidentes com a postura do autor.

Sobre o mar, escondido nestas palavras, há o volume branco das casas nordestinas, a passagem alta das aves, o olhar de relance que retém o prodígio, a fragrância e a dorida alegria das suas gentes. Aqui me sento à mesa dos seus ritos, cumprindo o dever e o abalo rasgado da poesia. Não conheço outro mundo se não este que se ergue do verbo, rente à terra, bordado de água, tão breve, no entanto toda a minha vida. (M. A. 12,13)

Simultaneamente, sentimos estes ritos ameaçados por uma desordem que perturba o autor, e que o leva incessantemente, a atravessar o mundo, em busca do espaço fundador, onde o seu reino possa finalmente ter lugar: «entre fundações de luz bebo o descanso e o grito mais agreste dos choupos do vento», “*desço aos moinhos — uma voz nasceu nestas águas*” (M.A., 18).

Estes temores e fragilidades erguem-se a partir de um campo imagético com o poder fortíssimo da antítese, que, aqui colocada, nos dá bem a dimensão da angústia calada no mais fundo do poema.

São três os principais eixos em torno dos quais estes sentimentos se desenvolvem: morte, distância, ausência: “*tudo parte: os vultos distantes/ dos teus mortos, /a tia que enxotava borboletas no retrato,/a primeira carta americana.*” (37); “*e perguntas/ o que é a distância.// Não posso responder ao eco do meu próprio nome.*”(37); “*Eu existia na ausência do teu nome, buscando-te/ nos poemas de Neruda como um naufrago* (36).

Evidentemente, o lado obscuro está amplamente representado, capaz de enfrentar a doçura e a força do lado solar:

“Chego aqui com muito pouco: a sede da terra/ nos dedos. A noite, como um trapo, tomba/nos passos(19), Corriam lágrimas/sobre as pétalas murchas do silêncio(21), Dois pássaros cruzaram / o milheiral fugindo da morte (21), Procuravas na figueira os frutos mordidos/pela lua (...) Mas eram melros,

escondidos/ nos bolsos dos espantalhos, um remexer/ de sombras/no outro lado da luz. Um cheiro a solidão crescia entre as pedras solares (26), Pelo corpo passa(...)/o duro ar da saudade, essência que deslumbra, fere, (32) estrelas afugentadas dum céu menor (33), a triste música das pedras erguendo/contra os templos altos, inumeráveis muros/de lamentações. (34)

O poema apresenta-se, como uma busca incessante por entre frinchas, fissuras, fendas, sulcos, capazes de abrir caminho à reconstrução desta ausência. «*Há muitos anos que persigo a eterna infatigável coroação das ausências.*»

Nas suas sucessivas paragens, indagações e ou reflexões, entrevemos um registo autobiográfico, que nos conduziria à conclusão de que o autor se busca a si próprio na ausência de si, e/ou da “*menina de água*”.

“*Menina de água - por ela corri ao encontro do meu rosto*”, é uma das frases que subtilmente nos fala desta necessidade, mas outras há mais claras: “*Descalço-me frente às últimas palavras./ Junto-as, achas ardentes./ Por ela passam gaivotas famintas./Oíço um cão roer sons ininteligíveis, distante. /a branca parede da memória aprisiona-me.*” (57); “*Vivo, passo e nasço a cada instante/ e não me demoro:/ respiro um tempo que já morreu. (...) Estou de passagem, já disse.*” (57) *Entre mim e mim há um tinir de espadas*” (59).

O luto da infância vivida projeta-se no luto da infância não vivida da menina da água. «*A felicidade é a ardência sempre viva dum paraíso perdido e em constante recuperação: a infância, a nossa, e a outra, mitológica*» (M.A., 12)

A dimensão deste drama leva o autor a instaurar um diálogo com a Menina da Água, muito próximo do monólogo, tal é a unidade funda que os une: “*Vou descalça na luz da alma que sou./Nunca durmo. Trago sementes de água/nos olhos e só estou quando amo*”(53) *Venho a esta terra no regresso dum saudade./Trago no amor um jacinto fresco para o nome/ dum criança.(17), É isso que busco: a aridez felina das maçãs, /(...) essa tão inocente idade de plantar no vento/amoras brancas/ e selvagens. (23), Pedra a pedra a voz dum menina/ voa sobre o orvalho dos frutos. (25) Se falasse/ das suas mãos diria/ que aflagam o adeus/ do olhar que fica. (29).*

O olhar de quem fica edifica assim um roteiro possível para a (sobre)vivência daquela ausência. «*Na voz dessa criança nunca a ilha esteve tão perto do mar*» (65). A lembrança das palavras ditas «*Pelo olhar se retorna à ilha, dizes.*». «*Eles não sabem que uma ilha começa na nostalgia/de quem arde contra a noite com saudades do mar*» (21).

A estas falas da Menina, encontramos uma resposta que se erige com uma enorme força moral, elemento que se constitui, aliás, como um dos principais motivos da atração que esta poesia exerce sobre nós.

Dá às palavras a infância da água, o jardim de pedra onde o grito se enrola nas lágrimas como a tarde enobrece o agitado coração das oliveiras. Nunca a fátua convívência da gravata, o sorriso ilustre dos fauistas e dos traidores do coração... (62)

«*Esta poesia, plantada aqui como um canteiro de verão, é uma recusa à fatalidade*» (M.A, 12) «*Escrevo para que oiças um piano.*». (M.A.,61)

É portanto o elo de um «nós» que se revela como alimento necessário para atenuar o sofrimento da perda. Um nós que parece instalar-se, para sua proteção, no território da ilha, uterina e redentora: *E tu, / nascendo da ilha/ e dos voos do olhar, /jardim das estações./ Do lume e de ti nunca, nunca se aparta/ a primavera. (M.A., 42)*

Levarás para sempre a ilha escondida no silêncio da voz. Só eu a desperto, reconheço e amo. (...) Como tu, perco-me na distância quando cantas. (54)

E a rematar, com firmeza invulgar na globalidade do texto:Essa ilha/ que nunca deixaste morrer na saudade,/regressa sempre ao poema:/ cheia de margaridas,/uma gaivota posada/ entre as palavras e o branco/rumor do mar.

Passo a passo, de distância em distância, o elo partido parece ter-se recuperado na sua inteireza. Efetivamente, no último livro publicado, Um dia qualquer em junho 3, E. B. P. fala-nos como um homem próximo da serenidade, como se tivesse encontrado a resposta necessária e urgente, ao doloroso monodialogo apresentado em Menina da Água. Essa serenidade e firmeza, vivamente contrastantes com tom da *Menina da Água*, estão bem expressas no lugar de aconchego que ele nos descreve no poema curiosamente intitulado “Residência” 4 :

Guardas as estações do sol e as harpas. Os perfumados símbolos da terra cantam no primeiro verão do olhar. As mãos levam-te a vasos de margaridas brancas,

sinuosos e claros oceanos.
Sentas-te à mesa da tribo e repartes o pão.
Um homem que ama nas sombras o fulgor e as essências,
nunca chega tarde aos degraus da alegria, dizes,
o cheiro do vento e do trigo entre os dedos.
Não podes morrer contra o sonho contando as lágrimas,
a face refletida nos espelhos da alma.
Nunca partas dessa casa onde cresce agora
a voz das crianças, os templos da sua inocência,
as mais bravas e fragrantas ervas do amor.
Queres, eu sei, esse mar, a breve cama dos pombos
quando se abrigam nos rumores.
Não há maior orfandade que chegar à ternura
sem palavras.

Volto à minha toalha de altar, que desdobro com a obsessão de rigor que impregna o trabalho de Eduardo Bettencourt Pinto. Analisando à lupa esta afirmação, pois grande seria o erro de ser fútil ou vão com as palavras: a própria austeridade desta poesia exige uma atenção redobrada ao falar dela.

Aliás, a raridade da poesia escrita por E. B. P. começa logo por se evidenciar pelo modo quase desprendido com que ele a solta no papel, não obstante, desde os primeiros instantes, tenhamos a percepção de nos encontrar perante uma obra tão límpida e bela, que nos faz remontar à primeira poesia dos mestres, sobretudo Eugénio de Andrade e Sophia Mello Breyner, que ergueram tons de manhãs claras na poesia portuguesa de hoje.

Sendo o lugar de Eduardo Bettencourt Pinto indubitavelmente entre eles, resta-nos esperar que as teias do nosso pecaminoso e quotidiano esquecimento, não a deixem morrer sozinha na ilha onde nasceu. Isto por que a voz dos poetas, não é, felizmente, e ao contrário do que se possa pensar, um ato de geração espontânea.

1 Eduardo Bettencourt Pinto, *Tango nos pátios do sul, /Cântico nos pátios do sul*, Seixo Publishers, Pitt Meadows, 1999.

2 Eduardo Bettencourt Pinto, *Menina da Água*, Editorial Éter, Ponta Delgada, 1997.

3 Eduardo Bettencourt Pinto, *Um dia qualquer em junho*, Edições Instituto Camões, Coleção lusófona, Lisboa, maio de 2000.

4 *Idem*, p.25.

5. *A Casa das Rugas ou as marcas de África* Victor Rui Does

“Assim fui escrevendo este livro, junto aos espelhos da memória e às Fissuras de todo este percurso”
(pág. 14)

Eduardo Bettencourt Pinto escreve a poesia dos instantes fugazes e é um artista da palavra, ele que é poeta da claridade solar e da luz crepuscular: a sua escrita é eruptiva, de boa ressonância musical e prenhe de poeticidade e de sedutora prosódia. O seu último livro, **A Casa das Rugas** (Campo das Letras, 2004), escrito em prosa poética, vem confirmar isso mesmo.

Toda a obra literária é a emanação de uma instância chamada autor. Este, partindo da experiência do real, reinventa, reelabora e/ou distorce esse mesmo real e o que escreve é, simultaneamente, o resultado da memória e da invenção.

Este é, pois, um livro de ficção que se enraíza na realidade. Escondendo-se atrás de um narrador autodiegético, é Eduardo Bettencourt Pinto que nos vem falar sobre as suas memórias africanas.

África é a “terra vermelha” e é a “herança emocional” da sua infância angolana, que povoa a sua vida, a sua escrita e o seu imaginário. Porque África é a interpenetração do Homem e do Cosmo, a liberdade dos grandes espaços a perder de vista. África é a negritude de mãe Carminha, que simboliza e personifica África, terra-mãe, ou seja, é uma metáfora da própria África.

Carminha é mulher em toda a sua plenitude e beleza, primordial e genesíaca, portadora da vida e do desejo, princípio e fim de todas as coisas. África é o fascínio de uma luz mágica e esplendorosa e é o mistério, o mito, o símbolo, o sonho, o segredo, o ritual, os ciclos da vida, a serenidade de uma cultura própria ...

África são as cores vivas e quentes da terra, e são as tintas tropicais e esbatidas da volúpia e da melancolia. África são os horizontes que se incendiam, o azul infinito do céu, a transparência irreal das águas dos rios, o verde mágico da vegetação, o negro crepuscular dos embondeiros, o rumor das palmeiras, das mangueiras, dos coqueiros ...

E há os cafeeiros, os mamoeiros, o capim, a savana, o sisal ... África é, enfim, o paraíso irremediavelmente perdido – o mítico e o psicológico.

A Casa das Rugas capta – e bem – este “espírito do lugar” e é atravessado por uma harmonia que é quebrada por acontecimentos que marcam a encruzilhada de um

tempo histórico: a Guerra Colonial (1961-1974) e posterior processo de Descolonização.

Nascido num tempo (silenciado) de um “país em guerra” (Angola) e a viver o fim do império colonial, o narrador vem estudar Direito para Lisboa. Traz consigo as melhores memórias da mãe Carminha (quitandeira de frutas num mercado, personagem muito humana e psicologicamente muito rica), mas também muitos sentimentos e alguns ressentimentos.

Por exemplo: não compreende as razões que levaram à expulsão de Angola de Denise Thompson, a missionária protestante americana. Mas tem consciência de que a Guerra fora um logro e a Descolonização uma autêntica tragédia. Afonso Domingos, encontrado morto alguns dias antes da independência de Angola, “vítima de uma bala transviada” (pág. 89), tipifica bem o logro da referida Descolonização.

Este é essencialmente um livro sobre a solidão e a orfandade do narrador, cujo pai, o branco Pedro Rico, ele desconhece e, por isso mesmo, parte em busca do seu paradeiro em Portugal.

O que sabe do pai fora-lhe transmitido por mãe Carminha e por outras testemunhas. Impelido pelo sonho e personagem da errância, da dispersão e da perdição, Pedro Rico é duplamente vítima dos detentores do poder: sofre a repressão e as contradições do colonialismo português (em Luanda é perseguido pela Pide) e, naquela cidade, vive o medo, a violência, os atropelos, as inquietações, as perplexidades, as arbitrariedades, os conflitos político-partidários e os horrores dos dias da “loucura coletiva” (pág. 103). O destino ser-lhe-á fatal: acabará a vagabundear pelas ruas de Lisboa, vindo a morrer na miséria, à porta de um café ...

Por conseguinte, este é um livro sobre orfandades. O narrador é órfão de pai e este anda à deriva porque se perdeu da sua história, das suas raízes e das suas referências mais profundas. Portugal fica órfão das suas colónias e estas, por sua vez, ficam entregues a si mesmas, a contas com a guerra civil ...

A **Casa das Rugas** é um livro sobre as “rasteiras do destino” (pág. 137), isto é, sobre a condição humana. É um livro de emoções e sentimentos, de vibrações e olhares cruzados sobre África e Portugal. Aqui se fala de distâncias e esperas, de encontros e reencontros, de angústias e desesperos, de denúncias e renúncias. Aqui se encontra a vitalidade e a densidade de um discurso poético (“A cor da tua pele é a de uma flor quando anoitece”, lê-se na página 99).

Estamos na presença de uma obra envolvente e bela, deslumbrante e assombrosa que se lê com infinito prazer.

6. **A casa das rugas José do Carmo Francisco**

O projeto do herói deste livro de Eduardo Bettencourt Pinto (Editora Campo das Letras) é duplo: «Vou para Portugal estudar e em busca do meu pai». Dupla é também a sua estratégia: «recolher os restos do passado e reconstruir, dos fragmentos da melancolia, um retrato».

A mãe é Carminha que transporta uma dupla orfandade: perdeu a mãe biológica e a missionária americana que lhe tinha tomado o lugar mas mesmo assim «nunca capitulou perante a tragédia.» O romance do pai (Pedro Rico) e a mãe (Carminha) é o encontro entre um branco apaixonado por África («Sinto que nesta cidade sou tudo o que posso ser») e uma negra desconfiada dos brancos («Alguns só estão cá a pensar na casa que vão construir na aldeia natal»).

Mas Pedro Rico é diferente: «Logo que troquei a farda pela roupa civil nunca mais pensei voltar a Portugal.» A juntar a esta familiaridade está a profissão de Pedro Rico – topógrafo – sempre em contacto com a terra. Esta é uma história que oscila entre o amor e a morte.

Pedro fala para a Mulher falando da Terra: «Peço-te que cases comigo perante o Amor, a savana, as chuvas, o odor do maboque e dos figos bravos, as nuvens, a silhueta do sol sobre as cubatas.» A Morte é o contraponto do Amor: «Afonso, que celebrara o casamento dos meus pais, foi encontrado morto dias antes da independência vítima de uma bala transviada. Nunca se chegou a conhecer o autor do tiro.»

Entre o Amor e a Morte está Angola, uma Angola entre equívocos e loucura: «Angola começava a tombar pelas ruas, gente a fugir por entre um mar de caixotes. Os aviões, de tantos, eram mais do que as andorinhas.»

Nota: O último parágrafo foi omitido (com a anuência do autor) de modo a não revelar ao público o segredo da história.

7. **O escritor que tem o vício das palavras Jorge Heitor**

“... que a ausência seja a faca rasgando-nos o coração, o reencontro a brisa fresca de um dia quente”. Quem assim escreve é uma das mais belas vozes da língua portuguesa que nos últimos 60 anos nasceram em Angola e que daí partiram para o mundo, a falar do mar que cantava nas costas de Benguela e da Luanda de 75, que “andava, frenética, aos tiros”.

“O cheiro do café em flor, a suavidade da neblina quando anoitecia, o cantar dos galos” transcendem da poesia e da prosa de Eduardo Bettencourt Pinto, que nos deu há poucos meses o romance “A casa das rugas”, dedicado à mãe, aos irmãos e aos amigos, que são muitos, incluindo o seu compatriota José Eduardo Agualusa.

Trata-se de uma reinvenção da África recente, quando muitos portugueses ainda se sentiam muito melhor por lá do que na velha Europa, convencidos de que era esse o seu “Quinto Império”, ao qual estavam predestinados, mas que a segunda metade do século XX lhes roubou, arremessando-os para outras paragens.

Este exercício de catarse é a estória dos amores de Mamã Carminha e de Pedro Rico; de um cruzamento entre etnias diferentes, como se o mundo ideal fosse o da mestiçagem, no qual abatessem as barreiras civilizacionais e todos os homens (e mulheres) fossem cidadãos do mundo.

Neto de açorianos, radicado na Colúmbia Britânica (Canadá), editado em Ponta Delgada, Angra do Heroísmo, Macau, Lisboa e outras paragens, como o Porto, Bettencourt Pinto “tem o vício das palavras”, como já notou Onésimo Teotónio Almeida. E que bem que ele escreve, o escoreito Eduardo!

“Para onde quer que se virasse, Pedro Rico sentia o cerco do infortúnio. A cidade era o eco da sua própria calamidade. Naquele homem via o espírito morto da noite, a sombra de si próprio”.

O seu romance é também, entre outras coisas, o dos retornados, o dos que de Angola ou de Moçambique vieram morrer numa qualquer pensão do Bairro Alto ou numa aldeia do Douro, a contar os parques tostões.

Suplemento Mil Folhas do jornal **O PÚBLICO**

8. A mãe, Eduardo Bettencourt Pinto

Nunca nos deixa crescer.
Temos sempre a idade das sandálias cambadas,
dos calções sujos de amoras bravas.
Está de pé, entre os nossos olhos,
como um jardim.
Mesmo quando os cabelos
começam a ficar

no pente, esbranquiçados,
é sempre a mesma: flor que não cai
no outono do tempo.

Como se a cada segundo renascesse
do seu próprio perfume.

9. O POETA DAS SANDÁLIAS CAMBADAS, Luísa Ribeiro

Estou aqui e honra-me estar, na qualidade de leitora, atentamente emocionada pela poesia e por toda a forma de expressão humana que o Eduardo Bettencourt Pinto usa para dar ao mundo as cores que às vezes o mundo não tem.

O poeta – este homem da paz, que ele é – deixa sair do fundo da “caixinha das desilusões” que é sempre a nossa vida, um movimento silencioso impresso na palavra, um lúcido e inseguro voo, uma luz suave, uma ferida que verte e que doendo faz o caminho. E dá ao papel o rosto da infância – essa nunca perdida.

Não vou discutir se há poesia açoriana ou não, nem fazer história com pesquisas elaboradas sobre a arte que é a Literatura; nem vou traçar análises encontradas na gramática por onde todos nos orientamos, mas vou, sim, “tentar” (e com receio de não estar à altura) comentar a relação que no caso do Eduardo Bettencourt Pinto existe entre **ser homem, ser humano e ser poeta**.

Se em poesia há triângulo perfeito, estamos perante um deles e o que eu quero aqui é simplesmente aproveitar a oportunidade que me deram, para vos mostrar que a presença do poeta Eduardo Bettencourt Pinto é caso para nos fazer sentir premiados e ao mesmo tempo com os olhos molhados e orgulhosos também, por sermos todos um pouco da raiz que o orienta.

O Poeta arrisca o fogo nos dedos e neles segura as tiras das sandálias, para ter os pés bem nus e bem enfiados na terra curva. É assim que ele anda e percorre os sulcos mais sinuosos do passado e do presente: sem medo, sem armaduras; com o coração pronto para o frio violento dum verão qualquer.

O Eduardo Bettencourt Pinto vem do calor de Angola, para o gelo belo do trópico extremo e, enquanto vem, recolhe as flores lunares nos sítios mais húmidos de outras tantas ilhas que são, também, a casa dele. Habita o mundo pelo lado de dentro: a selva e o céu refletidos nos rios. E é sempre por dentro, com os olhos despídos de sarcasmos, que o Eduardo Bettencourt Pinto nos abre o fogo íntimo da própria

memória e nos deixa passear, com ele e em paz, nas casas da infância, nos jardins azuis, na humidade da saudade e do sul, construindo sílaba a sílaba, a infinita luz que lhe aquece os dedos.

O poeta transporta calmamente a sua origem – qual raiz funda na terra que o acolhe - e transforma-a em mel e em futuro.

É homem de silêncios quentes e poeta de silêncios ainda mais quentes. Tem ainda a respiração suspensa na mão da Mãe – afago para sempre (*flor que não cai/ no outono do tempo*); *na luz do Pai (vieste como uma sarça abandonada/ apoiada/ na bengala da velhice)*; no brilho das manhãs, dos amigos, das terras e da poeira do sonho menino.

Respirando junto ao jogo do passado, de onde retira a mágica lírica para colorir o poema, dá som aos dias; escolhe a praia deserta, os álamos, a água, as árvores de junho; usa os frutos para alimentar as estações; traça caminho na chuva e passa rente ao chão, sem que se quebrem as folhas caídas dos plátanos.

Enquanto este poeta se rende à paz, passando sem ruído entre os pássaros, as flores abrem-se enfeitadas pelo rio de lágrimas que as palavras provocam e nada na paisagem se mexe, ou se desfaz ao toque branco dos dedos com que ele afaga o mundo, tão só para o confirmar.

Com os poemas do Eduardo Bettencourt Pinto ficamos a saber que o percurso, o dele e o nosso, é muitas vezes feito de sangue e gelo, mas que vale a pena chegar ao fim.

10. A Casa das Rugas de Eduardo Bettencourt Pinto



Jorge Arrimar



há algum tempo atrás o Eduardo escreveu-me do Canadá, onde vive há longos anos, a dizer que estava para publicar um livro aqui em Portugal, e que gostaria que fosse eu a apresentá-lo. Claro que fiquei muito satisfeito com a deferência que o convite representava, mas lá fui dizendo que, talvez, fosse melhor convidar outra pessoa, com mais conhecimentos sobre Literatura e os meandros da crítica literária, ou eventualmente um escritor conhecido aqui em Portugal que ilustrasse a cerimónia de apresentação do novo livro.

Eu não me havia esquecido das últimas sessões de apresentação de livros do Eduardo, em 2000 e 2001, cujos apresentadores foram os escritores Eugénio Lisboa, João de Melo e Urbano Tavares Rodrigues. Mas, pelos vistos, o meu amigo queria mesmo que desta vez fosse eu a apresentar o seu novo livro - “Em memória de Angola e dos nossos tempos de exílio insular” - disse-me ele, quando eu tentava dissuadi-lo de continuar a ter-me como apresentador do seu livro, pois achava que ficaria melhor servido com quem continuasse a qualidade dos anteriores. “Que não, que desta vez seria em nome da nossa amizade, que já vai longa. Que mais do que do livro, falasse de nós”, dizia-me ele. E aqui estou eu para falar do Eduardo e de nós, mais do que do livro.

Já lá vão quase trinta anos que nos encontramos na ilha de S. Miguel, nos Açores, quando, dizíamos, que “o céu tinha desabado sobre a nossa cabeça”. Mas apesar da tristeza que experimentávamos, apesar de, por vezes, pensarmos que a nossa vida se havia estilhaçado, espalhado sem remédio por todos os desertos deste mundo, tínhamos as mãos abertas em concha e delas elevavam-se as nuvens brancas dos sonhos próprios de quem era jovem.

Era o tempo de desenharmos mapas na pele com coordenadas largas que abarcassem a imensidão de vida que ainda tínhamos pela frente, uma paisagem de labirintos que não se esgotava nos limites das ilhas, sempre tão ali ao virar de cada monte, no final de cada prado. Os nossos gestos guardavam memórias largas, segredos abertos, silêncios e sombras, escorregando por entre os muros de um tempo roubado, de regressos, dia a dia, planeados.

Tínhamos vinte anos, apenas, e o sonho contornava o perfil arredondado do horizonte de uma ilha que se havia feito nossa jangada. Ambos vínhamos da terra africana, do sul angolano, espaço que fora o nosso berço e onde crescíamos ao cheiro morno do café e ao sabor doce da cana-de-açúcar. A nossa geografia até ali centrara-se entre a Gabela do Eduardo e a minha Chibia. Foi assim, enquanto a queimada não se alastrava das matas para as vilas e cidades, e a nossa infância ainda brincava entre cafeeiros em flor, à sombra de frondosas mangueiras e nos misteriosos esconderijos dos canaviais.

No dia em que descobrimos que a fuga nos afastava da terra e das raízes dos embondeiros, vimos que, nos Açores, a ilha de S. Miguel sorria hortênsias para nós. Foi em 1976 que eu e o Eduardo nos encontramos pela primeira vez, abençoados pelo silêncio da Lagoa do Fogo, silêncio que só o guincho das cagarras conseguia, de longe em longe, quebrar como o vidro. Encontrámo-nos apenas, porque conhecer já nos conhecíamos das mesmas memórias que trazíamos. Só éramos diferentes raízes dum mesmo embondeiro. E foi com fogo que ele escreveu o primeiro poema que chegou até mim:

ESPERANÇA

[...]

*Guardo na minha alma o vazio
de uma fogueira que se apagou
num assopro irreversível de um adeus,
que veio até mim por entre vagas espessas
e sóis sem calor...*

*Sou, na madrugada, a areia fria
a divagar em todos os prantos do mundo.
Ah...Quem me dera viver num minuto...
Escolher os meus passos na estrada estranha
palmilhando na derrota a força de vencer.*

*Oh! Alma inquieta, filha do sem fim,
sinto o teu vozear profundo, a tua razão
e quedo-me nos mais ínfimos pormenores
desse anseio que na paz faz germinar
a mais sagrada Esperança...*

(Publ. pela 1ª vez a 27 Set. 1976, em Ponta Delgada, num jornal local)

O impulso poético foi-se tornando cada vez mais poderoso em Eduardo. É então que ele nos oferece “Emoções”, o seu primeiro livro, publicado em 1978, e dedicado (entre outros) “À minha terra longínqua onde, agora oiço a voz da distância; Aos Açores, terra de minha mãe, onde todos os homens de bem encontram a sua terra”.

De facto, seria entre a terra de sua mãe, os Açores, e a sua terra natal, Angola, que Eduardo descobriria a cor das tintas com que encheria o arco-íris da sua criação literária, nessa altura, muito partilhada comigo e com outros jovens poetas. É de 1979 a edição coletiva “Nós Palavras”, que reuniu a poesia de vários poetas naturais e residentes nos Açores, na qual nos incluíamos; e a publicação de “Poemas”, um livro de Eduardo e meu, onde se expressava, de forma muito forte, a nossa angolidade e a saudade da terra natal.

Desde “Poemas” até ao livro “A Casa das Rugas”, que agora vos apresentamos, já lá vão nove títulos de poesia; quatro de ficção; a organização de uma Antologia da poesia açoriana contemporânea e a tradução de oito poemas de Michael Yates, para além de ter assumido, durante alguns anos, a edição da revista virtual “Seixo Review”.

A escrita lírica e narrativa do Eduardo é, pelo peso da interioridade, uma escrita de movimento quase pendular, e como diria dele João de Melo, (Prefácio de “Tangos nos Pátios do Sul”), saída da “voz de um poeta ao mesmo tempo nítido e embrumado nas suas memórias”. Atrevo-me a avançar um elemento de ligação entre o seu primeiro poema, atrás referido, e este seu livro, pese embora o facto de ambos os textos serem de géneros literários diferentes.

Descobre-se o fechar dum ciclo na já longa espiral da sua vida de autor. Se o poema “Esperança”, publicado em 1976 (Há já quase três décadas, portanto!), é dedicado ao seu irmão Guilherme, o único dos irmãos que havia ficado e que ainda permanece em Angola, querendo com isso manter a ligação e a esperança de um reencontro com a terra natal; “A Casa das Rugas” - título que em si mesmo é uma metáfora, pois trata-se de um livro que se constrói a partir das rugas de uma casa que é o próprio tempo onde viveram as suas principais personagens, Pedro Rico e Mamã Carminha - é o regresso do autor à terra natal, através de uma história de amor entre um europeu que consciente, assumidamente, se deixa tomar pela terra africana, primeiro, e pela mulher africana, depois.

Desse amor, violentado pela guerra civil que assola o país a partir de 1975, nasceu um menino – Alexandre – que é um símbolo de reunificação, de redescoberta, enfim!, de Esperança, também. É este filho, que assume a cor da sua pele como “a cor do amor entre dois mundos diferentes”, que vai tecendo a trama deste livro, “convencido de que a arrumação do mundo começa sempre em volta das nossas mãos”. Ele inicia a tarefa difícil, mas gratificante, de escrever um livro como se faz a reconstrução de uma velha casa, primeiro pintar as “cadeiras, portas e paredes [...] até os muros onde as buganvílias, sedutoras, se estendem em cintilações solares.”

E o livro vai surgindo entre o pó de reboco velho e o arco-íris de tinta ressequida que a humidade deixa por mais tempo no ar, como se fosse uma névoa a embaciar “os espelhos da memória”. A Casa das Rugas abre as suas portas ao leitor, e convida-o a subir cada degrau, a percorrer devagar cada quarto, num percurso de amor e de esperança. Sobre tudo da esperança que se fundamenta no amor, como se depreende das palavras que estão inscritas à entrada da casa... ou no começo do livro, e que são da autoria de Alexandre Rico:

“Vou para Portugal estudar e em busca do meu pai. Diria melhor: do homem que descobri nas palavras e no reboar do amor de Mamã Carminha. Vou atrasado? É esse o fim que me cabe?, de recolher os restos do passado e reconstruir, dos fragmentos

da melancolia, um retrato? Vou, sobretudo, por Mamã Carminha. E pela imagem de um pai que só existe em palavras [...]”. É no amor, amor completo, que se revela, também, como um símbolo de inconformismo em relação às barreiras étnicas, sociais e culturais da época e do lugar, que o Eduardo tem depositado, nestas quase três décadas de atividade literária, a esperança da reconciliação, por que é desta que nasce a paz. Para mim, A Casa das Rugas é um hino ao amor, ao amor entre um homem e uma mulher e, naturalmente, ao fruto desse amor, essa criança que, na ausência da figura paterna, juntava “as folhas das mangueiras [para] tentar fazer com elas o rosto do [seu] pai”, na pueril crença de que, assim, Deus o levantaria “daquelas folhas desesperadas, do pó, da terra e do silêncio” e lhe apertasse a mão, levando-o “até às lágrimas de Mamã Carminha e as secasse para sempre.”

Eis o livro, e eis o autor aqui ao meu lado, o meu amigo para quem escrevi um poema, há vinte e dois anos (1982), intitulado Flor de Milho, quando ainda tínhamos a ilha como nossa segunda casa, antes de partirmos, como as cegonhas, para uma outra qualquer chaminé. Depois de tanto tempo vou lê-lo de novo, e faço-o como um sinal de renovação da amizade, como se o tempo não fosse mais do que uma nave que levasse dentro, incólume, os mesmos sentimentos. Que seja então um símbolo daquilo que nós não queremos que vá com o tempo num só sentido, sem retorno. Assim, na ilha como agora junto ao Tejo, eu ofereço-lhe este poema com o meu aceno rosa-de-porcelana:

FLOR de MILHO

*Soltaste um pássaro de sol
pelo infinito dos caminhos
a desintegrarem-se em espuma
no vale das estrelas caídas...
Somente aquele poema de fogo
gravado no corpo descarnado dos vulcões
te faz ainda promessas de silêncio,
a mais pura das vozes a descer sobre ti
em gotas de orvalho perfumado.
Do seio prateado das lagoas
enlaçam-te raízes brancas
como asas de borboleta,
mas da tua boca eleva-se um sorriso
lavado com a água da saudade:
-“Nunca me esqueci que vim do Sul”
onde o mágico crepúsculo se banhava
no rio Chilo
e os cafeeiros em flor
cantavam versos de luar*

*ao som do velho kissanje
de Paulino Valúnje!*

*Das folhas do teu cajueiro
dispersas na tempestade de uma noite
que jamais se apagará
começa já a despontar a aurora
de uma flor de milho
que tu depuseste no colo nordestino
do teu ser em fuga...
(Açores, ilha de S. Miguel, 24 Out. 1982)*

Mas um dia, como as cegonhas, alçámos voo para outras chaminés, para distantes poisos onde construir novos ninhos: o Eduardo mais para ocidente, vindo a estabelecer-se no Canadá; eu, mais para oriente, passando a residir em Macau, de onde voltei a sair, depois de ali ter permanecido por treze longos anos. Entretanto, a publicação do meu romance “O Planalto dos Pássaros”, proporcionou-me uma viagem há tantos anos adiada. A Editora Chá de Caxinde ofereceu-me o mais bonito presente de Natal daquele ano: um convite para ir, em dezembro de 2002, a Angola, com o objetivo de, em Luanda e no Lubango, lançar o meu livro. Devagarinho, pé-ante-pé, como a medo de se ser acordado num belo sonho, fui à minha terra natal, internei-me no quintal da minha infância e acariciei as paredes também enrugadas de minha velha e saudosa casa, a “nossa casa” que meu avô construía nas margens tranquilas do rio Tchimpumpunhime.

MINHA CASA

*Não quero perder o que ficou na minha
memória. Só aí ela está incólume, preservada,
a nossa casa cheia de vida, da nossa vida concentrada
num só lugar. As palavras das gerações foram
cimentando o adobe das paredes largas, o choro
e o sonho cruzaram o teto como andorinhas
rumo ao ninho. É por isso que me sinto dividido,
perdido nos lugares que a sombra das velhas árvores
não conseguia chegar. Muitos foram os anos que
caíram dos ramos como frutos secos.
Não consegui que o choro me acalentasse a tristeza
de regressar sem que minha mãe estivesse
a receber-me à janela, meu pai a sorrir à porta,
minha avó a lamuriar-se por causa do frio ou do calor.
Sempre foi assim no tempo seco, quando a geada gretava
a pele e os lábios perdiam a suavidade do musgo.
Era nessa época que eu regressava*

com o voo migratório dos pássaros.

*Dormem comigo dores antigas que eu desperto
quando me levanto tarde. Por isso sinto o peso
das pálpebras a ganhar o corpo, a boca engasgada
de pasta-de-papel já usado. A marca-de-água
era outra que a memória resguardava.*

E é com um poema sobre a minha casa das rugas que termino esta apresentação, não deixando de achar que, afinal, o Eduardo talvez tivesse razão em acreditar que eu era a pessoa indicada para lhe apresentar a sua casa das rugas.

Muito obrigado a todos,

Jorge Arrimar (Lisboa, Bairro Alto, Livraria “Ler Devagar”, 19.30 H, sábado, 20 de novembro de 2004)

11. *Variações (em tom menor, é claro) sobre a poesia de Eduardo Bettencourt Pinto, Urbano Bettencourt*



1.

*Percorro os nomes e os lugares destes versos.
Da geografia
sei muito pouco: os retratos em que nos perdemos
da infância e dos cheiros da terra,
o vagar do tempo, as suas rugas
na face da página, a breve crispação
das folhas sobre o sul.
Há três sílabas perdidas*

*na malha de um mapa tão esquivo assim:
talvez **An** seja a mais doce
e **Go** a mais magoada,
mais leve **La** como fosse
sílabas em que se ouvisse
o rumor dos deuses e a sua ausência.*

2.

*Crescem os deuses
do chão, na luz do sul recortam
um perfil de frutos e de flautas. Rente
às ervas altas leio o rasto dessa música
solar, as amansadas feras
à beira dos desertos e da sua claridade.
E quando a memória queimar de mais, chamarei
a mim a sombra das figueiras bravas. Sem figos
como nos rebenta a boca? Olho as ruínas,
os escombros da cal e acolho um pássaro
de melancolia
vindo da névoa e de um ardido setembro.*

3.

*Regresso dos nomes e lugares
destes versos. Não direi, porém,
a exata dimensão em que me tenha
perdido ou encontrado.
Pouso no peitoral a túnica
das palavras, o secreto sal dos seus caminhos,
e escuto
"a lenta respiração
do mundo".*

12. *Menina da Água de Eduardo Bettencourt Pinto, [Urbano Bettencourt]*

Há sensivelmente vinte anos encontrava-me em Lisboa, quando aí começaram a chegar-me os primeiros sinais e também os ecos da poesia de Eduardo Bettencourt Pinto: em edição individual ou através de volumes coletivos, pude eu aperceber-me (e os leitores igualmente) de uma voz poética em organização e à procura do seu próprio timbre e onde muito

nitidamente se detetavam os traços de uma atenção e, mais do que isso, de um fascínio pelo mundo sensível, pelo espaço e os seus elementos concretos.

Mais ou menos por essa altura, o nome de Eduardo Bettencourt Pinto surgia em Ponta Delgada associado às revistas *Aresta* e *Memória da Água-Viva*^{li} e um pouco mais tarde encabeçaria, juntamente com o de Laurindo Cabral, o Suplemento Literário “Seixo”^{lii}, do jornal *Correio dos Açores*, em tudo isso se evidenciando, afinal, um processo recorrente da história literária e cultural do arquipélago, que é o de os escritores criarem e assegurarem os seus próprios “espaços de respiração”, através dos quais se façam ouvir e, simultaneamente, possam aceder à palavra dos outros. Quem se der ao trabalho de percorrer a imprensa açoriana desde o século passado não terá dificuldade em observar a persistência dos seus espaços culturais e literários, bem como a forma descomplexada com que eles souberam olhar para o seu contexto imediato sem perder de vista os mundos mais vastos para lá dos horizontes, tornando-se lugares de encontro e de convivências diversificadas, até mesmo “mesa de amigos”^{liii}, às vezes separados por milhares de quilómetros (o caso do suplemento “Glacial”, de Angra do Heroísmo, dirigido na sua fase final por J. H. Santos Barros, Ivone Chinita, Carlos Faria e David Mestre, os dois últimos a residir em Lisboa e Angola, respetivamente, pode ser um exemplo-limite).

Num dos livros iniciais de Eduardo B. Pinto encontramos os seguintes versos:

*Nunca me esqueço que vim do sul,
de uma casa simples onde as tábuas das janelas
eram diariamente molhadas por mágico crepúsculo*

que podem ajudar-nos a identificar algumas das linhas de força da sua poesia, entretanto acrescida de outros títulos, e a detetar nela certos núcleos recorrentes e movimentos que a atravessam em várias direções.

Aquilo que de imediato aí nos chama a atenção, até pelo destaque advindo da sua localização, é o relevo concedido à memória como função constituinte do sujeito poético (repare-se na força do advérbio “nunca”), a sua capacidade de tornar presente o espaço situado num ponto originário de um percurso, de uma viagem que a forma verbal “vim” claramente indica.

Sabemos hoje quais são os concretos lugares do “sul” aqui apenas indiciados de forma genérica e que habitam essa memória profunda, prontos a manifestar-se à superfície do poema como aflorações de uma realidade transportada ao longo do tempo longe do olhar.

É talvez em *Emersos Vestígios* que de modo mais recorrente começam a manifestar-se as imagens explícitas do sul enquanto lugar solar de ausência e

deslumbramento (em íntima relação com o título), ao mesmo tempo que aí encontramos, no poema de abertura, a primeira referência a Alebag (mitificação poética de Gabela); depois disso, *A Deusa da Chuva* acentuará esse pendore para a referenciação com duas sequências de poemas sob a designação de “Salinas, sul de Angola” e “Alebag, sul de Angola”, a que um novo espaço e a sua memória vêm juntar-se na sequência “Nordeste, S. Miguel”.

Poder-se-ia ser levado a pensar que a explícita referenciação geográfica e toponímica conferiria a esta poesia uma acrescida função representativa e documental, empurrando-a para os caminhos planos do mero descritivismo físico e realista; mas não: nela, um conjunto de persistentes e concentradas imagens sensoriais (sol, frutos, folhas, flores, ramos, água, orvalho, música, por exemplo) está ao serviço da descoberta do “outro lado” das coisas e dos pequenos gestos do homem, ao serviço da revelação do seu encantamento, do mistério que ilumina o quotidiano para lá das suas sombras e lhe dá sentido e fundura.

Além disso, esta poesia faz-se coma perfeita consciência da distância que vai desses lugares reais ao outro lugar do poema, que vai do passado vivido ao presente do texto que o diz, ou seja, a escrita cumpre-se sobre uma ausência e uma perda; daí o sentido luminoso da poesia de Eduardo Bettencourt Pinto, mesmo quando atravessada por uma leve nostalgia que se insinua por entre o silêncio de setembro e o declínio do outono.

No novo livro do autor, *Menina da Água*^{liii}, encontramos alguns desses procedimentos e “compromissos” poéticos. Mas vale a pena começar com uma citação:

Sobre o mar, escondido nestas palavras, há o volume branco das casas nordestinas, a passagem alta das ervas, o olhar de relance que retém o prodígio, a fragrância e a dorida alegria de suas gentes. Aqui me sento à mesa dos seus ritos, cumprindo o dever e o abalo rasgado da poesia. Não conheço outro mundo que não este que se ergue do verbo, rente à terra, bordado de água, tão breve, no entanto toda a minha vida.^{liii}

Mesmo sendo certo que a poesia não se explica, a verdade e a importância deste fragmento situam-se no facto de nos virem desvendar as motivações mais remotas dos textos deste livro, a sua íntima e profunda ligação a um lugar que é o Nordeste, embora possamos não chegar a encontrar neles uma direta topografia, os locais de uma geografia imediatamente verificável; porque essa revelação é inseparável de uma forte “consciência poética”, da noção de que as palavras não são o real, “escondemo-nos”, e da consciência de que os ritos a que o poeta se entrega não são mais do que um processo de mitificação, uma forma de repetição pelo verbo.

Deste modo, é sobretudo um mapa de afetos aquilo que aqui se constrói e onde se revela o território da infância, o brilho repentino e breve da sua luz, mas também as suas sombras e saudades, a esperada voz da mãe, o silêncio das casas, o rumor das aves, as mulheres junto ao pão — em suma, os sinais e os gestos que levam o poeta a eleger o Nordeste como esse espaço-tempo primordial que cada poema reinventa na densidade e na espessura da sua linguagem: *No Nordeste, essa ilha de exóticos esplendores, contemplei o princípio das coisas e nele atravessei os dias que me faltavam.* (p. 13)

Essa é uma reinvenção que ocorre em paralelo com a reinvenção do próprio Poeta e dos seus regressos: «*por aqui, nesta ingreme enseada de palavras, alcanço o ardor destas terras*» (p.17); eles dão lugar à celebração dos grandes mitos da Luz e da Música (também dos seus contrários, a sombra e o silêncio), da Água e do Ar, e onde um insistente diálogo e a convocação da voz de um «Tu» trazem ao interior do poema os dados da contingência e de uma certa circunstancialidade que, em último caso, conduzirão sempre à verificação de uma ausência irremediável:

*Corres entre o rumor do mar
até ao fim da memória.
Tudo parte: os vultos distantes
dos teus mortos,
a tia que enxotava borboletas no retrato,
a primeira carta americana.*

*Corres pela água arregaçando o vestido e perguntas
o que é a distância.*

Não posso responder ao eco do meu próprio nome. (p. 37)

“O verdadeiro poeta descobre novas variantes da sensibilidade, que podem ser adquiridas por outros. E, ao exprimi-las, ele contribui para o desenvolvimento e o enriquecimento da língua que fala”, escreveu T. S. Eliot^[iv]. É por isso que eu me sinto grato ao Eduardo Bettencourt Pinto pela sua poesia destes anos, com a qual ele nos tem revelado a harmonia do mundo para lá das ruínas e das sombras do quotidiano, ao mesmo tempo que com ela fomos descobrindo outros sentidos para a língua que falamos. (1997)

[iii] Com edição semestral, *Aresta* publicou-se entre 1980 e 1984 (número 7/8), sob a direção do próprio Eduardo Bettencourt Pinto e de Emanuel Jorge Botelho, que asseguraram igualmente a edição do n.º 7 d’*A Memória da Água-Viva* (1989), que se vinha publicando em Lisboa desde 1978.

[iv] Do Suplemento “Seixo” saíram oito números, entre 13/6/1982 e 10/4/1983.

[v] Título de um livro de Pedro da Silveira que reúne traduções suas de poesia (1.ª ed, Secretaria Regional da Educação e Cultura, 1986; 2.ª ed., Assírio & Alvim, 2002).

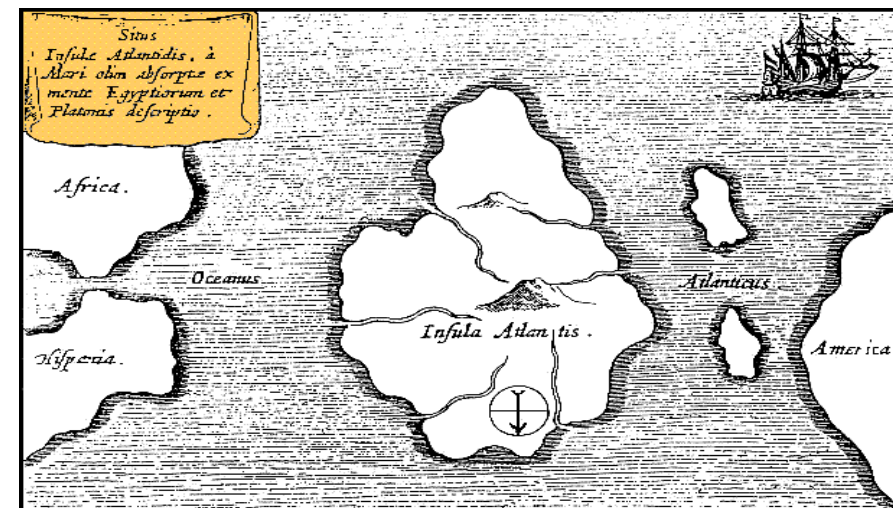
[vi] Eduardo Bettencourt Pinto, *Menina da Água*, Ponta Delgada, Editorial Éter, 1997.

[vii] “Explicação”, in *Menina da Água*, pp. 12-13

[viii] T. S. Eliot, *Ensaio de Doutrina Crítica*, 2.ª ed., Lisboa, Guimarães editores, 1997, p. 61

CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS

Suplemento # 10 março 2011 EDUARDO BETTENCOURT PINTO



Todas as edições em www.lusofonias.net

Editor **AICL - Colóquios da Lusofonia** (Chrys Chrystello EDITOU ESTE NÚMERO)

Coordenadoras **Helena Chrystello / Mª do Rosário Girão dos Santos**

CONVENÇÃO: O Acordo Ortográfico 1990 rege os Colóquios da Lusofonia e é usado em todos os textos escritos após 1911 (data do 1º Acordo Ortográfico)



©™®

Editado por
COLÓQUIOS DA LUSOFONIA
(AICL, ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL COLÓQUIOS DA LUSOFONIA)

